DIVERSÕES PÚBLICAS EM ROMA: DA FASE REPUBLICANA À FASE IMPERIAL

Priscilla Adriane Ferreira Almeida^{*}

RESUMO: Neste trabalho falaremos um pouco sobre os divertimentos públicos tais como o teatro, as competições no circo e os combates no anfiteatro. Explicaremos a sua origem e de como eles passaram, primitivamente, de solenidades religiosas a formas de entretenimento. Trataremos também de sua forma e organização e também de sua evolução ao longo do tempo, de como o teatro entra em declínio e cede espaço para representações populares, e de como os jogos no circo e no anfiteatro se tornam cada vez mais cruéis. Ao tratar dos jogos públicos em Roma pretendemos falar de como eles influenciavam a vida da *Urbs* e como eram utilizados pelos poderosos para agradar o povo.

PALAVRAS-CHAVE: jogos públicos, Roma, República, Império

PUBLIC ENTERTAINMENT IN ROME: FROM REPUBLIC TO EMPIRE

ABSTRACT: This paper has the intention of discussing about the public entertainment such as the theater, competitions in the circus and fights in the amphitheater. We'll explain their origins and how they've originated from religious ceremonies to various forms of entertainment. We'll also illustrate their types and respective organizations as well as their evolution over time, of how theater enters into decline and lease space to popular representations, and how the games in the circus and in the amphitheater become increasingly cruel. By focusing on the public games in Rome we try to explain how they affected life in the *Urbs* and how they were used by the powerful to please the population.

KEYWORDS: public entertainment, Rome, Republic, Empire.

1.1 – TEATRO

Segundo Tito Lívio em 364 a.C. uma peste assolava Roma. Dançarinos e músicos etruscos fazem um ritual para alegrar os deuses, mas este rito não tinha palavras nem gestos; ele seria, contudo, acompanhado por jovens que trocavam gracejos entre si. Uma origem mais realista seriam as festas realizadas no campo, durante as colheitas. Surgem então formas rudimentares como as pantomimas. As origens do teatro em Roma, contudo, permanecem incertas e obscuras. Para Aída Costa “se não houve, propriamente, um teatro em Roma antes do teatro grego, terá havido, pelo menos, germes deste, como, possivelmente, de outros gêneros

^{*} Graduanda em Letras - Universidade Federal de Minas Gerais.

(...)."(COSTA, 1978, p. 13).

Durante a República os palcos eram de madeira. A partir do século II a.C. os palcos se tornam desmontáveis. Em 155 a.C. houve uma tentativa frustrada de se fazer um teatro definitivo. Devido à resistência das autoridades, que temiam que os espectadores deixassem as ocupações sérias de lado, o primeiro teatro definitivo, feito em pedra, foi construído por Pompeu apenas em 55 a.C. *Pompeyo tuvo que presentar su edificio como una simple dependencia de un templo erigido a su protectora, Venus.* (GRIMAL, 1993, p. 54)

O teatro podia ser freqüentado por todas as pessoas, inclusive mulheres e escravos. Se as peças não agradassem, eram canceladas. Além disso elas sofriam uma censura velada. Alguns tipos de representações:

- *Atelana*: tem trama simples e versos improvisados. As personagens eram caracterizadas por máscaras-tipo: temos o guloso e tagarela *Bucco*; o *Pappus*, o pai idoso e bobo; o *Dossenus*, o corcunda astuto etc.
- *Mimo*: teria vindo da Magna Grécia. São farsas com temas cotidianos cômicos, vulgares e grotescos, com caráter melodramático. Eram, em um primeiro momento, destinados a abrir espetáculos ou entreter o público durante os intervalos. Somente no mimo as mulheres poderiam encenar e não havia o uso de máscaras.

Da atelana e do mimo temos poucos fragmentos de textos. A comédia e a tragédia se desenvolvem após o contato com os gregos.

As peças com argumentação surgem com Lívio Andronico, em 240 a.C. Tanto a comédia quanto a tragédia sofrem forte influência helênica e seguem as suas convenções. "O teatro literário, digno desse nome, começa, portanto, com as imitações do grego, embora continuassem a subsistir formas secundárias, como a atelana e o mimo."(PEREIRA, 1984, p.63).

O teatro latino era mais elaborado que o grego: tinha um edifício próprio com arquibancadas para os expectadores, ao invés de ser construído em uma encosta de colina; havia acessórios como cortina de cena e a *machina*, que permitia que deuses descessem do céu (daí a expressão *deus ex machina*); o figurino era suntuoso e às vezes exagerado, especialmente durante o império.

A comédia latina se inspira na Comédia Nova grega, cujos maiores nomes foram Menandro, Filémon e Dífilo. Podemos dividir a comédia latina assim:

- *fabula palliata*: de *pallium*, um manto grego. São peças imitadas do teatro grego com ambientação e nomes de personagens gregas.
- *fabula togata*: de toga, veste romana. Ambientação e elementos romanos.

Nos chegaram completas apenas comédias de Plauto e Terêncio (*fabula palliata*). Da

fabula togata temos apenas alguns fragmentos.

Durante a República temos tentativas de implantação da tragédia grega em Roma, paralelamente à comédia, mas ela não se firma. Desta época temos fragmentos de autores como Nívio, Ênio, Pacúvio e Ácio. Teremos peças completas apenas de Sêneca, já no principado de Nero, e não sabemos sequer se elas eram ou não encenadas no teatro.

O povo romano preferia exibições menos refinadas e o teatro perde popularidade ao longo do tempo. No prólogo de *Hecyra* (A sogra), vv. 29-38, Terêncio nos diz que

Hecyram ad vos refero, quam mihi per silentium numquam agere licitum est, ita eam oppressit calamitas. Eam calamitatem vestra intelligentia sedabit, si erit adiutrix nostrae industriae. Cum primum eam agere coepi, pugillum gloria, (Fumambuli eodem accessit expectatio), comitum conventus, strepitus, clamor mulierum fecere ut ante tempus exirem foras.

“A sogra é o título desta comédia. Quando foi representada – e era inédita – inédito foi o vexame que se verificou, um autêntico fracasso de tal ordem que não foi possível ver nem apreciar a peça. O povo, possesso da sua paixão, só tinha olhos e ouvidos para um equilibrista.”¹

Após três tentativas *A sogra* consegue ser encenada até o fim, em 160 a.C. Já a atelana e o mimo se alternam no gosto popular até o fim do império.

1.2 – CIRCO

Os jogos no circo, juntamente com os no anfiteatro, eram as maiores festividades da *Urbs*. Aqui vamos nos ater ao tipo mais popular de jogos circenses: a corrida de carro.

O Circo Máximo (o maior e mais antigo circo romano) teria sido construído pelo primeiro rei etrusco, Tarquínio Prisco. Essa crença se baseia no fato de que teria sido neste lugar que Rômulo e seus companheiros teriam raptado as sabinas. A corrida teria um caráter religioso, pois ao seu término o cavalo vencedor era sacrificado e seu sangue era usado para purificações rituais com o fim de garantir a fecundidade da terra e do povo. A corrida seria o instrumento para se ver o vigor dos animais e selecionar o melhor deles, cujo sacrifício seria mais eficaz ao povo. O Circo Máximo sofreu várias melhorias e ampliações ao longo dos anos.

O circo era um vasto recinto de forma retangular, fechado em uma extremidade por uma muralha reta e na outra por uma muralha semicircular. Ao longo da muralha reta temos as estribarias (*carceres*) de onde partiam os carros. No centro da pista havia uma plataforma (*spina*) com altares, estátuas e outros ornamentos. Os quatro carros que participavam da corrida (*missus*)

¹ Tradução de Walter de Medeiros. As demais traduções aqui apresentadas são nossas.

davam voltas (geralmente sete) ao redor da *spina*, cujas extremidades, as *metae*, deveriam ser contornadas, em uma curva fechada e difícil de ser realizada. Os acidentes eram muito freqüentes. Antes de se iniciarem os eventos no circo havia uma procissão solene, que ao final adquiria um caráter religioso, com imagens de deuses e de imperadores falecidos divinizados. O sinal de largada era dado pelo magistrado que presidia os jogos, ao agitar um lenço branco. Ele ficava em uma tribuna acima dos *carceres*.

Os carros eram leves, de duas rodas, e puxados por dois (*bigae*) ou quatro cavalos (*quadrigae*). Os cocheiros (*aurigae*) eram na maioria escravos ou homens livres de baixa condição social; apesar disso eles poderiam se tornar extremamente populares. Inicialmente era dado ao vencedor da corrida coroas e palmas. Posteriormente, além da liberdade concedida, era oferecido um prêmio em dinheiro, que chegou a valores altíssimos. Na época imperial os *aurigae* se dividem em quatro facções: a *factio albata* (branca), a *prasina* (verde), a *russata* (vermelha) e a *veneta* (azul). Todos os meios eram usados para favorecer a facção favorita, de sabotagens, sortilégios e até magia. Qualquer pessoa podia freqüentar o circo. Ovídio, na Arte de Amar, I, 135-136, diz que o circo é um bom lugar para se conhecer uma mulher.

*Nec te nobilium fugiat certamen equorum:
multa capax populi commoda circus habet.*

“Nem te afastes da corrida dos célebres cavalos:
o vasto circo do povo oferece muitas vantagens.”

A importância das corridas cresceu, atingindo o ápice no século IV da nossa era. Apesar de proibidas por Teodósio em 394 e da oposição da Igreja, elas continuaram a ser realizadas, sendo a última competição no Circo Máximo em 545, promovida pelo rei godo Totila.

1.3 – CIRCO

Foram durante os jogos fúnebres de Paulo Emílio, no século II a.C., que se introduziram em Roma as lutas de gladiadores. Acredita-se que estas lutas são originárias da Campânia, mas não se exclui uma influência etrusca. Inicialmente seriam originados de rituais de sacrifícios humanos onde se imolavam prisioneiros de guerra para aplacar os manes de um herói. Os gladiadores aparecem em jogos públicos em 105 a.C. A partir desta data a distração pública mais popular e violenta de Roma se estabelece definitivamente. O primeiro anfiteatro de pedra foi construído na época de Augusto, no Campo de Marte. O mais famoso dos anfiteatros é o Anfiteatro Flávio, iniciado pelo imperador Vespasiano e concluído por seu filho e sucessor, Tito; ele é mais conhecido pelo nome Coliseu, devido a uma estátua colossal de Nero que existia no local.

Durante o século II a.C., além de lutas apenas entre gladiadores (*ludi gladiatorii*), os combates entre as feras (hipopótamos, rinocerontes, leões, ursos etc.) são introduzidos.

Rapidamente surgem confrontos entre homens e animais selvagens, conhecidos como *venationes*. As lutas no anfiteatro ao longo da época imperial se tornam maiores, mais sofisticadas e cruéis, contando inclusive com elevadores que levavam as feras para a arena.

Os gladiadores eram criminosos condenados a uma sentença capital, escravos fugidos ou prisioneiros de guerra. Homens livres de baixa condição social também podiam tornar-se gladiadores, e freqüentavam uma escola especial (*ludus gladiatorius*). Alguns gladiadores alcançaram imenso renome. Eles lutavam até a morte ou até que fossem licenciados. Os combatentes que falhavam nas lutas poderiam pedir a clemência do público erguendo o braço, e ele era poupado da morte se tivesse lutado valentemente e proporcionado uma luta impressionante. Os gladiadores se dividem nas seguintes categorias:

- Samnitas: constituíam a mais antiga categoria de gladiadores. O samnita lutava quase nu, munido de uma espada curta e um escudo.
- Hoplitas: eram fortemente armados com ferro.
- Gauleses: usavam apenas um capacete, escudo, braçal e caneleiras.
- Trácios: usavam um pequeno escudo chamado *parma*, caneleiras e um pequeno punhal recurvo.
- Reciários: tinham apenas uma rede e um tridente.

Havia também gladiadores que lutavam em grupos, em carros ou a cavalo, munidos de longas lanças.

Os confrontos eram divulgados com antecedência por meio de cartazes e programas. Inicialmente havia um desfile aberto pelo organizador, seguido pelos gladiadores. O imperador era saudado com as palavras “Ave, Caesar, morituri te salutant” (Ave César, os que vão morrer te saúdam). A seguir os combates eram travados. Ao fim de cada parte do espetáculo escravos fantasiados de Mercúrio arrastavam os cadáveres com ganchos. Com uma pá a areia ensangüentada da arena era revolvida e a seguir areia fresca era espalhada.

Apesar de gratuitos, os lugares no anfiteatro eram distribuídos de acordo com a condição social. O imperador tinha uma tribuna própria, bem próxima da arena; outras tribunas ao lado da do imperador eram destinadas à classe senatorial, sacerdotes, Vestais, magistrados. As quatorze fileiras sucessivas de assentos eram destinadas aos cavaleiros e assim por diante, descendendo na condição social. Os lugares mais altos, considerados os piores, eram destinados às mulheres.

Os combates entram em declínio com o advento do cristianismo, e perdem importância ao longo do tempo. Falaremos mais detalhadamente do fim destas formas de diversão pública a seguir.

1.4 – JOGOS, PODER E DECLÍNIO

Os jogos eram acontecimentos grandiosos e marcantes, que visavam promover a alegria coletiva. Os organizadores visavam alcançar maior prestígio pessoal e político junto à população. Durante a República os jogos eram organizados por magistrados designados pelo Senado. Durante o Império estes magistrados são designados pelo imperador. Grimal nos diz que

A la gente humilde les gustaban estos espectáculos, exóticos o sangrientos. El ocio, la irresponsabilidad y también el sentimiento de que todo había sido montado con grandes gastos para su diversión, contribuían a aumentar su placer. Pero los romanos más cultivados sólo asistían a estos espectáculos por deber, porque el organizador era un amigo o un aliado político o porque debían aparecer, en razón de sus rangos, en las manifestaciones colectivas (GRIMAL, 1993, p.56)

As autoridades compareciam aos eventos, sobretudo no circo e no anfiteatro, que eram os mais populares. A massa poderia ser manipulada por algum político que fosse respeitado pela população. Não podemos, entretanto, pensar apenas no aspecto de alienação, como diz Juvenal na sátira X, vv. 77-81:

*Iam pridem, ex quo suffragia nulli
vendimus, effudit curas; nam qui debat olim
imperium, fasces, legiones, omnia, nunc se
continet atque duas tantum res anxius optat,
panem et circenses.*

“Já há muito tempo não vendemos os votos,
o povo abandonou as administrações;
de fato, outrora ele dava o poder, os cargos, as legiões, tudo;
agora na verdade ele se detém e opta ansioso por duas coisas apenas:
pão e circo.”

Durante os espetáculos as pessoas protestavam contra a apresentação em si, faziam reivindicações políticas, reclamavam dos altos impostos etc. Várias vezes ocorriam brigas e desordens.

Os jogos eram oportunidades de o imperador exercer seu papel de promotor da paz e da fartura. Era conveniente a ele demonstrar um gosto semelhante ao do povo, já que governar sendo odiado pela massa era extremamente arriscado. Para agradar à população alguns imperadores chegaram ao extremo de tomar parte nestes eventos. O exemplo mais famoso é o de Cômodo, que participou de lutas de gladiadores e corridas de carro.

Na segunda metade do século III da nossa era temos uma sucessão rápida de vários imperadores, que nem permaneciam em Roma, pois estavam envolvidos em guerras nos limites

do Império. Assim o público dos espetáculos começou a diminuir. Com Teodósio o cristianismo se tornou a religião oficial do império e todos os cultos, rituais e formas de diversão pagãs foram abolidos. A crescente população cristã prefere partir em peregrinações, visitas a túmulos de mártires etc. Com o declínio do império romano do ocidente Roma perde gradativamente a sua importância. O lado oriental do império se torna o mais forte. Por causa destes fatores os jogos vão aos poucos entrando em declínio até cessarem completamente.

FONTES

JUVÉNAL; Satires. Trad: P. de Labriole, F. Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1967

OVIDE; *L'art d'aimer*. Trad: H. Bornecque. Paris: Les Belles Lettres, 1951.

TERENCE; Comédies. Trad: J. Marouzeau. Paris: Les Belles Lettres, 1966, tome 3.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORNECQUE, Henri; MORNET, Daniel. *Roma e os romanos*. São Paulo: EPU, 1976.

COSTA, Aída. *Temas clássicos*. São Paulo: Cultrix, 1978.

GRIMAL, Pierre. *La vida em la Roma antigua*. Barcelona: Paidós, 1993.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984. v.2.

TERÊNCIO. *A sogra*. Trad: Walter de Medeiros. Brasília: Editora UNB, [s.d.].

Recebido em Agosto de 2008.

Aprovado em Novembro de 2008.